

**A angústia do nome em *Sobre os rios que vão*, de Maria José de Queiroz**  
The Anguish of the Name in *Sobre os rios que vão*, by Maria José de Queiroz

**Alessandra Conde\***

Universidade Federal do Pará (UFPA) | Belém, Brasil  
afcs77@hotmail.com

**Resumo:** Este artigo analisa o romance *Sobre os rios que vão* (1990), de Maria José de Queiroz, à luz da Onomástica literária, considerando as perspectivas etimológica e simbólica, a angústia do nome que aflige Joel Levi, renomeado Jari Leite. No percurso interdisciplinar, recorreremos a conceitos utilizados nas teorias da geografia das migrações e das mobilidades migratórias transculturais, promovendo um diálogo entre literatura e geografia. Esses conceitos ajudarão a entender a identidade do personagem Jari Leite. De tal modo, lançaremos mão dos trabalhos de Borges Filho (2007), Edward C. Relph (1979), Enrst Robert Curtius (1979), Joel Candau (2016), Márcia Seide (2016, 2020), Wilberth Salgueiro (2013), Yu-Fu Tuan (1980), Zilá Bernd (2007; 2010), entre outros.

**Palavras-chave:** Sobre os rios que vão. Maria José de Queiroz. Onomástica literária.

**Abstract:** This article presents an interpretative reading of the novel *Sobre os rios que vão* (1990), by Maria José de Queiroz, in the light of literary onomastics, seeking to understand, considering the etymological and symbolic perspectives, the anguish of the name that afflicts Joel Levi, renamed Jari Leite. In the interdisciplinary path that we have proposed to follow, we will also resort to concepts used in theories of the geography of migrations and transcultural migratory mobilities, promoting a dialogue between literature and geography. Such concepts will help us understand the identity of the character Jari Leite. In this way, we will draw on the works of de Borges Filho (2007), Edward C. Relph (1979), Enrst Robert Curtius (1979), Joel Candau (2016), Márcia Seide (2016, 2020), Wilberth Salgueiro (2013), Yu-Fu Tuan (1980), Zilá Bernd (2007; 2010), among others.

**Keywords:** Sobre os rios que vão. Maria José de Queiroz. Literary onomastics.

---

\* Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Goiás e Professora da Universidade Federal do Pará.



*O Senhor protege os migrantes [...].*

(Salmo 146:9)

Este artigo realiza uma leitura interpretativa do romance *Sobre os rios que vão* (1990), de Maria José de Queiroz (1934-2023), à luz da onomástica literária, buscando compreender e considerando as perspectivas etimológica e simbólica, a angústia do nome que aflige o personagem Joel Levi, renomeado Jari Leite. Num percurso interdisciplinar, utilizamos conceitos da geografia das migrações e das mobilidades migratórias transculturais, buscando promover um diálogo entre literatura e geografia.

Joel Levi muda, na trama, o nome. Jari Leite quer ser brasileiro. Joel Levi lembra a história ancestral de seus pais estrangeiros. Personagem e espaço interrelacionam-se no romance. Para entender as razões dessa alteração de nome, é preciso recorrer, inicialmente, a dois conceitos interdisciplinares: a topopatia e a toponímia.

A topopatia é “a relação sentimental, experiencial, vivencial existente entre personagens e espaço”.<sup>1</sup> Aliás, o título do romance já aponta para a necessidade de recorrer à topopatia (lugar [*tópos*] + paixão [*pathos*]), descortinando a razão da escolha paratextual.

O lamento do peregrino, quer nas geografia literárias espirituais quer nas geografias literárias terrenais, foi cantado em verso e em prosa ao longo dos tempos. Na Antiguidade, os cativeiros judeus são conclamados a cantar e a tocar cânticos da sua terra.<sup>2</sup> Em resistência, chorando e rememorando (Tsión) Sião, os israelitas penduram seus instrumentos musicais nos salgueiros. Não querem cantar. Não querem tocar canções do Eterno fora de casa. Eles estão na diáspora, dispersos em território babilônico:

Às margens dos rios da Babilônia, nos sentávamos e chorávamos, lembrando de Tsión. Sobre seus salgueiros, penduramos nossas harpas, pois os que nos capturaram nos exigiam canções, e nossos atormentadores pretendiam que os alegrássemos, dizendo: ‘Cantai para nós algum dos cânticos de Tsión’. Como poderíamos entoar o cântico do Eterno em terra estranha?<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Filho, 2007, p. 157.

<sup>2</sup> Salmo 137.

<sup>3</sup> Salmo 137: 1-4.



No século XVI, o eu lírico do poema camoniano “Sôbolos rios que vão” (ou “Sobre os rios que vão”) também identificado por “Redondilhas de Babel e Sião” e “*Super flumina*” (Sobre os rios, em latim), evoca, numa perspectiva espiritual, as inquietações e saudade do exilado longe da divindade, tendo como amparo intertextual o Salmo 137, segundo o texto bíblico. A topopatia apresenta dupla perspectiva: a negativa (topofobia) e a positiva (topofilia). Em uma atitude de topofilia, o poeta concebe Sião como lugar aprazível, símbolo do espaço sagrado, rememorado saudosamente, enquanto a terra do desterro, a Babilônia, é o lócus do exílio:

Sôbolos rios que vão  
Por Babylonia, me achei,  
Onde sentado chorei  
As lembranças de Sião,  
E quanto nella passei.  
Alli o rio corrente  
De meus olhos foi manado;  
E tudo bem comparado,  
Babylonia ao mal presente,  
Sião ao tempo passado.<sup>4</sup>

O deleite rememorativo da terra de origem ruminado nas evocações da geografia de Sião move o poeta exilado, como no Salmo 137. É a topofobia em relação ao *locus* do desterro que desperta o sentimento de topofilia à terra natal, como se vê nos quatro últimos versos da redondilha de Camões. Essa concepção cristaliza, na tradição literária, seguindo uma condição paradigmática, o tema do amor saudoso à terra que ficou no passado e, em alguns contextos, da aversão ao local de reterritorialização. A palavra “topofilia” é um neologismo que diz respeito aos “laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material”.<sup>5</sup> A topofobia, termo cunhado por Edward C. Relph, refere-se a “todas as experiências de espaços, lugares e paisagens que são de algum modo desagradáveis ou induzem ansiedade e depressão”.<sup>6</sup> Consoante a concepção de Relph,

Sob muitos aspectos, topofobia é o oposto de topofilia. Os componentes de topofilia, ambientes de atração persistente, o prazer ganho nos encontros diretos com a natureza ou conhecendo o mundo através da boa saúde e familiaridade, tudo tem um equivalente topofóbico.<sup>7</sup>

<sup>4</sup> Camões, 2002, p. 66.

<sup>5</sup> Tuan, 1980, p. 107.

<sup>6</sup> Relph, 1979, p. 20.

<sup>7</sup> Relph, 1979, p. 20.



Os opositos topofilia e topofobia podem ser percebidos no título do romance de Queiroz: *Sobre os rios que vão*, reminiscência intertextual do Salmo hebraico, evocando uma imagem simbólica de apego saudoso ao lar ancestral e resistência emocional ao lugar da reterritorialização. Indicando a condição de estrangeiro em terra alheia, o romance de Queiroz, publicado em 1990, evoca sentimentos de topofilia à terra brasileira, ecoando, ainda, a afeição às tradições judaicas claramente marcadas em alguns dos personagens, como veremos.

A trama de *Sobre os rios que vão* conta a história de Fatuel Levi e sua família, judeus sefarditas oriundos da Bulgária. De acordo com Lyslei Nascimento, trata-se de uma

narrativa permeada de metáforas estruturantes do imaginário judaico. Desdobrando “Babel e Sião”, de Camões, ela empreende a construção de um texto que faz circular signos como o exílio, a duplicidade do nome próprio e a condição de estrangeiro do povo sefardita.<sup>8</sup>

Filipe Menezes destaca que “*Sobre os rios que vão* [...] faz o leitor percorrer as histórias da família Levi e seus exílios e suas contradições, suas heranças e seus arquivos particulares e coletivos”.<sup>9</sup> Fatuel Levi é um exilado. Perseguido em razão de sua associação comunistas na Bulgária, ele precisa deixar o país. O pai o envia para a Argentina. A viagem é malograda. Fatuel segue com alguns companheiros de viagem que aportam no Brasil. É nesse lugar que ele se imagina, como seus ancestrais hebreus, tocando em terra alheia: “Agarrava-me então ao meu Guadagnini, preciosíssimo, e me imaginava, em terra estrangeira, tocando as músicas da Bulgária. Coisa da Bíblia! Cantaria, em Babilônia, as canções de Sião”.<sup>10</sup> O tema do exilado surge, assim, na narrativa. Ele não se torna músico, mas *luthier*. O desdobramento do tema bíblico e camoniano, como sugere Nascimento, apresenta um personagem que, consciente de sua condição de estrangeiro, faz as pazes com a terra de acolhimento ao conhecer a mulher com quem se casa.<sup>11</sup> Embora experimentasse, permanentemente, uma desagradável sensação de exílio, diz o narrador, “ali, diante, daquela moça, estava curado. [...] Já encontrara a sua pátria”.<sup>12</sup>

Zilá Bernd, no *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos*, situa os verbetes “deslocamento”, diáspora, errância, entre outros, como mobilidades migratórias transculturais:

<sup>8</sup> Nascimento, 1995, p. 37.

<sup>9</sup> Menezes 2018, p. 4277.

<sup>10</sup> Queiroz, 1990, p. 15.

<sup>11</sup> Nascimento, 1995, p. 37.

<sup>12</sup> Queiroz, 1990, p. 29.



Esse tipo de mobilidade implica as várias possibilidades de deslocamento em que comunidades étnicas são compelidas ao trânsito, aos processos muitas das vezes traumáticos de emigração/imigração, tendo por consequência efeitos – que podem ser brutais – de desterritorialização. [...] Ou seja, o conceito abarca um amplo universo de significados e de relações, sendo a remissão ao lugar, ou aos neologismos derivados da desconstrução da noção de lugar, o que articula essa ampla rede conceitual.<sup>13</sup>

Ecos de dois temas ligados às mobilidades migratórias transculturais surgem neste passo. A sensação de ser exilado e estrangeiro afluirá sobre Fatuel. Ele aceita carregar esse fado, entendendo ser uma condição judaica. O filho, Joel Levi, rejeita a herança do sentimento e da história de exílio judaico. Para o pai, todo judeu é um exilado, pois não se pode confiar a segurança à terra estrangeira. Considerando a história judaica de perseguições, “sente ímpetos de explicar [ao filho] que o judeu não é um ser geográfico: suas raízes aprofundam-se no tempo [...] em todos os lugares onde se instala não lhe permitem assumir, em plenitude, a cidadania do país”. O rapaz não aceita os argumentos do pai, garantindo-lhe que não “carregar[á] co[n]sigo, como herança, mais de dois mil anos de história”, desejando “apagar da memória a dispersão da Babilônia. Por fim, Fatuel diz ao filho: “Ao fim e ao cabo, quem não é exilado? Uns, mais; outros, menos”. O próprio Fatuel sente, ao ouvir o filho, um “silêncio doído, de inapelável exílio. E não era um exílio de nacionalidade, mas de sentimentos, de ideias”.<sup>14</sup>

O tema do exilado recebe, nas literaturas americanas, grande expressão. De acordo com Renato Venâncio Henriques, no verbete “Exilado”, do *Dicionário de figuras e mitos literários das Américas*, organizado por Zilá Bernd:

No panteão dos mitos fundadores das Américas, a figura do exilado ocupa um lugar de destaque. Em meio aos aventureiros, exploradores e conquistadores de toda sorte que iriam se implantar nas colônias do Novo Mundo, lançando as bases para a criação de uma sociedade e de uma civilização que tenderão a se diferenciar das metrópoles até se firmarem como países independentes, houve indivíduos que foram forçados a deixar seu país natal. Seja por motivos financeiros, políticos, religiosos, entre outros, ou para fugir de um contexto onde se sentiam sufocados, o fato é que os exilados cruzaram as fronteiras

<sup>13</sup> Henriques, 2010, p. 18-19.

<sup>14</sup> Queiroz, 1990, p. 38.



levando consigo sua visão de mundo que, muitas vezes, cristalizou-se em relatos que fariam as delícias de leitores, estudiosos das mentalidades, historiadores e críticos literários.<sup>15</sup>

O nazismo e a militância comunista obrigam Fatuel ao exílio. Ele cruza fronteiras geográficas, tornando-se para além de exilado, estrangeiro na terra que o acolhe. A figura do estrangeiro na literatura latino-americana é representada em, no mínimo, quatro figurações, segundo Tatiana da Silva Capaverde, no *Dicionário de figuras e mitos literários das Américas*: a) a do estrangeiro produtor de literatura, o que descreve, com exotismo, a terra e os indígenas para os demais europeus; b) escritores nativos que seguirão os passos dos estrangeiros, marcando a outridade do nativo; c) a presença do estrangeiro na literatura visto como o “outro” valorizado, pela sua estrangeiridade; d) “a figura do estrangeiro como veículo de transculturação”, conforme se vê na literatura contemporânea. Sendo assim, duas são as visões sobre o estrangeiro no contexto da América Latina: a do estrangeiro que descreve a terra para outros estrangeiros e a do estrangeiro que internamente estranha a cultura da qual faz parte, em razão de não se identificar “Frente à composição heterogênea de sua cultura”.<sup>16</sup>

Apesar da recusa de Joel à judeidade e a condição de natural da terra brasileira, as figuras do exilado e do estrangeiro também podem ser percebidas, em razão de suas crises identitárias. O pai presenteia a Joel um violino, mas o filho puserá “Na cabeça que violino é instrumento de judeu”.<sup>17</sup> Fatuel, sabendo-se exilado e estrangeiro, tem na música e em adágios e provérbios em espanhol, proferidos oportunamente, a ativação da memória ancestral. Ele não quer esquecer suas origens históricas sefarditas e sua identidade de judeu exilado em razão da “Guerra e do holocausto”.<sup>18</sup> Ele sabe que seu povo viveu por muitos séculos na Península Ibérica e que foi expulso da região, durante a Idade Média, em razão de ondas de antisemitismo. Grupos sefarditas imigraram para a Bulgária, Holanda, Marrocos, levando consigo a cultura aprendida na Península Ibérica. Às vezes, o *luthier* toca o instrumento, o Guadagnini, para afugentar da memória as marcas deixadas pela guerra e pelos nazistas. Em outras, tem adágios e provérbios prontos para serem rememorados na fala cotidiana. As palavras e as músicas, bens intangíveis e tangíveis, ativam as memórias que acionam a identidade judaica que ele não permite escapar. Ao filho diz:

[...] o espanhol que conheço é esse, de ouvido, de algumas dezenas de adágios e provérbios, que os parentes viviam repetindo. Faço o que posso para não esquecê-los pois se isso

<sup>15</sup> Henriques, 2007, p. 263.

<sup>16</sup> Capaverde, 2007, p. 250.

<sup>17</sup> Queiroz, 1990, p. 27.

<sup>18</sup> Queiroz, 1990, p. 28.



acontecer será como perder a minha própria alma. O Guadagnini e essas palavras em espanhol são a minha única herança: tudo o que resta da minha família e da minha gente. Quando consigo aplicar, de modo, oportunamente, um desses provérbios, é a sabedoria do meu povo que fala pela minha boca.<sup>19</sup>

De acordo com Joel Candau, “a perda de memória é, portanto, uma perda de identidade”.<sup>20</sup> Fatuel entende isso, mas não consegue fazer com que o filho aceite a sua identidade. Joel luta por exilar-se de sua origem, de seu nome e de sua identidade, desloca-se para longe da família, da cidade, da cultura ancestral, do nome de nascimento e do país e promove deslocamento e reterritorialização identitários. Para Elena Palmera González, o deslocamento diz respeito a “diferentes formas de mobilidade, física, espiritual, linguística; a diversas práticas de emigração, exílio, diáspora, êxodos, nomadismos, circulações humanas; é pensar em translado e em trânsitos de todo o tipo, em políticas do movimento e em economias da viagem”.<sup>21</sup>

Exilado, segundo o dicionário, é “aquele que sofre a pena do exílio [expatriado]; que ou quem vive longe da pátria”, é também aquele que se exiliou.<sup>22</sup> Estrangeiro é “o outro do familiar, o estranho; o outro do conhecido; o desconhecido; o outro do próximo, o distante, o que não faz parte, o que é de outra parte”.<sup>23</sup> Joel Levy fez-se, para a cultura judaica, exilado e estrangeiro. Ele se torna, desse modo, um deslocado. Quando visita Paris, durante o período em que faz pós-graduação na Alemanha, a prima Bárbara lança-lhe ao rosto um de seus recalques: o medo de ser identificado como judeu. Ele busca, devido a esse medo, outra identidade, pois afligia-se constantemente por “Ser judeu e sentir-se discriminado. Ser subdesenvolvido e sofrer, do mesmo modo, a qualquer observação, o estigma da inferioridade [...].”<sup>24</sup>

O segundo conceito necessário para se entender as razões etimológicas e simbólicas que conduziram Jari a modificar seu nome é a toponímia, isto é, o “estudo dos nomes, próprios ou não, dos espaços que aparecem no texto literário”.<sup>25</sup> Ozíris Borges Filho apresenta três relações possíveis entre o topônimo e o espaço: semelhança, “quando o topônimo reforça ou expõe uma característica do espaço; contraste, “a toponímia pode entrar em conflito com o espaço nomeado”; indiferença, “a toponímia pode não

<sup>19</sup> Queiroz, 1990, p. 44.

<sup>20</sup> Candau, 2016, p. 59.

<sup>21</sup> González, 2010, p. 109.

<sup>22</sup> “exilado”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2025.

<sup>23</sup> Capaverde, 2007, p. 249.

<sup>24</sup> Queiroz, 1990, p. 237.

<sup>25</sup> Filho, 2007, p. 161.



estabelecer ligação alguma com o espaço".<sup>26</sup> Há, no entanto, que se considerar que a toponímia não é suficiente para abranger o estudo dos nomes próprios recebidos ou adotados pelo personagem Joel/Jari. Cabe à onomástica literária esse papel.

Filho de um estrangeiro judeu, Joel Levy, nascido no Brasil, renega a cultura e a tradição de seus pais. Por isso, ele resolve trocar de nome. O apego à terra e a recusa à judeidade o conduz a buscar por um esquecimento onomástico. De acordo com Candau:

O nome próprio, e mais genericamente toda a nominacão do indivíduo ou de um conjunto de indivíduos, é uma forma de controle social da alteridade ontológica do sujeito ou da alteridade representada de um grupo. Essa forma de controle não objetiva reduzir essa alteridade, mas, em certos casos, restaurá-la. "Lugar da inscrição social do grupo sobre o sujeito", "descrição abreviada" socialmente reconhecida de uma pessoa, o nome é sempre uma questão identitária e memorial.<sup>27</sup>

Joel Levy entende muito bem que "o nome é sempre uma questão identitária e memorial".<sup>28</sup> Ele assim diz ao pai:

Eu não vou morar aqui. Minha mudança é definitiva. Não troquei só de nome, não senhor. Acabo de começar vida nova. É preciso que o senhor e a mamãe compreendam que não vou carregar comigo, como herança, mais de dois mil anos de história. Quero apagar da memória a dispersão da Babilônia. Não cabe, no meu diário, o tempo que os seus antepassados passaram em Toledo, Córdoba e Granada.<sup>29</sup>

Esquecer e alterar o nome é olvidar e enterrar a história. Um sentimento de traição para com as origens paira no ar. Joel não se preocupa com isso, ele ignora os arrazoados paternos e deixa, assim, de ser Joel Levi para se tornar Jari Leite.

A escolha do nome causa polêmica: "Durante toda a infância, e também na adolescência, o nome Levi lhe anunciara catástrofes sem conta. [...] Joel, filho de Fatuel, vivia no provisório. Tal como os seus antepassados".<sup>30</sup> Os pesadelos o afligiam. Jari Leite não viveria assim. Como filho natural do Brasil, teria um nome "brasileiríssimo"<sup>31</sup>

<sup>26</sup> Filho, 2007, p. 162.

<sup>27</sup> Candau, 2016, p. 67-68.

<sup>28</sup> Candau, 2016, p. 68.

<sup>29</sup> Queiroz, 1990, p. 36.

<sup>30</sup> Queiroz, 1990, p. 4.

<sup>31</sup> Queiroz, 1990, p. 13.



e um “sobrenome vulgar, com cheiro de pasto e de vaca, que lhe dava a tranquila segurança de ser como todo mundo”.<sup>32</sup>

Joel Levi recusa-se ao dever de memória; não quer ser uma testemunha da dor de seus antepassados. Feito Jari Leite, busca nova vida, nova identidade, escamoteando uma história que sempre lhe souu terrível e amedrontadora aos ouvidos. Para a mãe, do agora Jari, o nome era “insidioso”.<sup>33</sup> O pai o seguiria em sua invenção onomástica e mudara de nome. Fatuel Levi passas a se chamar Faustino Leite. Não o fez pelas mesmas razões do filho, mas por amor ao rebento, seu orgulho.

Na tentativa de explicar, não as razões emocionais, mas as onomásticas, Jari Leite apresenta os significados dos nomes que adotou. *Sobre os rios que vão*, interpretado à luz da onomástica literária, pode ajudar a entender etimológica e simbolicamente a angústia do nome que aflige Joel, que se fez Jari. De acordo com Márcia Seide e Eduardo Amaral:

Em muitas obras literárias, os nomes das personagens, aí incluídos todos os tipos de nome: prenome, sobrenome, apelidos, etc., são escolhidos pelo autor com base no seu significado etimológico, motivo pelo qual a análise etimológica desses nomes revela informações importantes para a caracterização das personagens e, às vezes, até para o desvendamento do desenvolvimento do enredo. Nesses usos etimológicos, se o leitor conhece a etimologia dos nomes, algo lhe é revelado sobre as características da personagem, inclusive quando o significado etimológico vai de encontro às características da personagem.<sup>34</sup>

A onomástica literária estuda os nomes dos personagens, considerando a etimologia e o simbolismo que os revestem, sendo a onomástica “a ciência dos nomes próprios, e, a partir dela, a Antropônímia, que trata dos nomes próprios de pessoa”.<sup>35</sup> Faz parte da onomástica, assim como a antropônímia, o estudo dos nomes dos lugares, a toponímia, como visto anteriormente. O estudo onomástico volta-se para dois campos de atuação: a antropônímia e a toponímia, que podem se relacionar eventualmente. Eckert e Röhrig atestam a diferença entre a onomástica literária, termo usado por Marcato<sup>36</sup> e a onomástica ficcional, designação atribuída a Seide.<sup>37</sup> Os termos diriam respeito ao

<sup>32</sup> Queiroz, 1990, p. 5.

<sup>33</sup> Queiroz, 1990, p. 11.

<sup>34</sup> Seide; Amaral, 2020, p. 197.

<sup>35</sup> Eckert; Röhrig, 2018, p. 1278.

<sup>36</sup> Marcato, 2009.

<sup>37</sup> Seide, 2016.



estudo dos nomes próprios em obras literárias, embora a onomástica ficcional seja mais ampla, voltando-se também para o estudo dos nomes próprios nas mídias audiovisuais, reconhecendo a perspectiva interdisciplinar que envolve esse tipo de investigação. Para Eckert e Röhrig, a “Onomástica Literária [faz] parte da Onomástica Ficcional, uma vez que essa é mais ampla que aquela, por entender-se, também, que uma das características do texto literário é a ficcionalidade”.<sup>38</sup> Seide apresenta o termo “antroponomástica ficcional”, para designar o estudo dos nomes próprios de personagens de filmes ou seriados ou de “seres literários”.<sup>39</sup>

Dois trabalhos iniciais, o de Ana Maria Machado, com o *Recado ao nome: leitura de Guimarães Rosa à luz do nome de seus personagens* (2003), e o de Wilberth Salgueiro, sobre o conto “Noite de Almirante”, de Machado de Assis, publicado em *Histórias sem datas*, “Nomes não mentem (quase nunca): ‘Noite de Almirante’, de Machado de Assis, à luz da onomástica” (2006), propõem ler as narrativas tendo, como chave de leitura, os nomes dos personagens. Para Machado, é preciso “estudar a prática do autor, examinar a relação entre o sistema onomástico e a estruturação da narrativa em sua obra. [...] O que propomos é apenas uma leitura de Guimarães Rosa à luz do nome de seus personagens”.<sup>40</sup>

No ensaio de Salgueiro, referencia-se o discurso de Sócrates a Crátilo, presente no *Crátilo*, de Platão, a respeito da importância do nome na construção da identidade do sujeito. Ele faz uma pergunta crucial: “Quem descobre o nome descobre também a coisa por ele designada?”.<sup>41</sup> Além disso, recorre a Enrst Robert Curtius para reflexões sobre a interpretação dos nomes:

Curtius, em “Etimologia como forma de pensamento”, aponta como, desde Homero (que, em *Crátilo*, é referência constante) até a Idade Média, o recurso ao significado originário das palavras foi largamente utilizado. Cita o clássico exemplo do nome de Ulisses, “aquele contra quem Zeus se ira”, nome dado por seu avô Autólico, que igualmente se “havia irado contra muita gente”. De Isidoro de Sevilha e seu *Etymologiarum libri*, Curtius retira uma frase lapidar: “A força da palavra ou do nome é deduzida pela interpretação... Pois, se vires de onde vem o nome, compreender-lhe-ás a força mais depressa”<sup>5</sup>. Como antecipa o título do artigo, a tese do filólogo alemão é a de que a etimologia, se de um lado serve como instrumento para a criação artística,

<sup>38</sup> Eckert; Röhrig, 2018, p. 1282.

<sup>39</sup> Seide, 2016, p. 1154.

<sup>40</sup> Assis, 2003, p. 23.

<sup>41</sup> Platão, 2001, p. 218.



de outro haverá de servir para o leitor crítico descodificar o texto examinado. É como se, diante do Nome, ouvíssemos a pergunta: trouxeste a chave?<sup>42</sup>

A interrogação de Salgueiro ajuda a pensar os meandros da identidade construída por Jari. Ele tem a chave e decide dá-la à mãe, que não concorda com a mudança do nome. O nome liga-se, pois, à identidade do sujeito. Curtius cita autores da Antiguidade clássica que atestam tal abrangência. “Nomes que falam”, diz Curtius. De Cícero, retira a ideia de que “a etimologia do nome próprio [está] entre os ‘atributos’ da pessoa”.<sup>43</sup> De Isidoro de Sevilla absorve a precaução: “Nem todos os nomes foram dados pelos antigos conforme a Natureza; alguns o foram de maneira arbitrária” (Sevilla citado por Curtius,). No entanto, rende-se às “formas de pensar” advindas da concepção de Isidoro de Sevilla sobre a “origem” e a “força das coisas”, que dominou o pensamento e a prática de interpretação por vários séculos. Para Sevilla (citado por Curtius), “a força da palavra ou do nome é deduzida pela interpretação [...]. Pois, se vires de onde vem o nome, compreender-se -á a força mais depressa”. Curtius comenta, ainda, sobre a prática etimológica, de pensar o nome, presentes na Retórica, na interpretação bíblica e na tradição medieval – religiosa e literária, sobretudo, entre os patristas.<sup>44</sup>

O nome judaico incomoda Joel. A angústia do nome o conduz a repensar a sua própria identidade. Seguindo o pensamento de Curtius, o que o nome judeu representa para Joel?<sup>45</sup> Para esse personagem, o nome fala e explica suas razões. A sua nova identidade precisa de um novo nome. A mãe sente-se traída, abandonada:

Ela continuava, com a mesma intensidade, a ser mãe. Mãe de quem? Seu filho não era Jari. Jari? Nome de bugre? Por que não Jonas? Ou Jair? Nome de gente. Joel torcera o nariz. Nem um nem outro lhe agradavam. Mas tinham tradição, tradição bíblica... Por isso mesmo. Só combinavam com gente velha. Jari era original. E se ajustava ao seu modo: como um *jeans*. E mais: era brasileiríssimo, pouco comum e lhe pouparia problemas com homônimos. Sem qualquer alteração nas iniciais – JL – do nome e do sobrenome, ele nem mudaria de posição nas chamadas. Tudo lhe parecia bem. Muitíssimo bem. Na linguagem tupi, Jari significa “rio do Senhor”? Não era bonito? Ela não concordava. Ioel, em hebraico, quer dizer “seu Deus é eterno”. Quem não se orgulharia de receber no batismo tão alta distinção? Feliz o filho

<sup>42</sup> Salgueiro, 2013, p. 34.

<sup>43</sup> Curtius, 1979, p. 531.

<sup>44</sup> Curtius, 1979, p. 533.

<sup>45</sup> Curtius, 1979.



por quem os pais se desvelam na procura do nome portador de bons augúrios! Mas isso não o tocara. Ao recusar o nome escolhido com tanto carinho ele reusara, também, o amor dos pais.<sup>46</sup>

Joel e sua mãe entendem os significados etimológicos dos nomes de suas escolhas. Joel, segundo o *Dicionário de palavras, expressões, interpretação e curiosidades bíblicas*, de Elias Soares de Moraes, significa “Yahweh é Deus”.<sup>47</sup> A designação ao divino que o nome Joel suscita, corroborando, inclusive, com o significado de eternidade de Deus, conforme apresentado no romance, são reconhecidos por Joel como nomes da tradição bíblica, nomes de “gente velha”.<sup>48</sup> Joel é um nome com caráter profético. Muito se esperava desse filho. Ele de fato se tornou o orgulho de seus pais. Estudioso, foi fazer física em São Paulo, emendando o mestrado na Alemanha. A grande questão que causou desacordo entre eles foi o nome alterado. Joel queria nova identidade: “Nome novo, vida nova”. Era um nome “tão puro, tão recente, com cheiro da terra e do povo”.<sup>49</sup> O amor pela terra influenciou na escolha do nome. Era preciso um nome que o tirasse da sensação de exílio transmitida pelo nome judeu. A topofilia falou mais alto, agenciando a construção da identidade adotada: “Joel, filho de Fatuel, vivia no provisório. Tal como os seus antepassados”.<sup>50</sup> Ele queria segurança e perenidade: “o sobrenome vulgar, com cheiro de pasto e de vaca, lhe dava a tranquila sensação de ser como todo mundo [...]”.<sup>51</sup> Curiosamente, talvez como o profético de seu nome vaticinara, só vislumbrou o abandono ao provisório, quando mudou de nome. E mesmo aí foi apenas um vislumbre. A Eternidade anunciada no nome Joel só foi encontrada no nome Jari, que evoca movimento, mobilidade: “rio do Senhor”.<sup>52</sup>

O nome escolhido por Joel é um topônimo. Jari é uma cidade sul-rio-grandense. Com origem tupi, significa “o Rio do Senhor ou o Pequeno Riacho”.<sup>53</sup> De topônimo a antropônimo, Jari dá ao nome de escolha novo fôlego: ele queria um nome explicitamente brasileiro. No *Vocabulário indígenas na geografia do Rio Grande do Sul*, de Nelson França Furtado, Jari significa “arroio, afl. Do Toropi Mirim; povoado na região de Júlio de Castilhos. De ‘iara’, ‘yara’, dono, senhor, e ‘y’, água, rio: o rio do senhor”.

<sup>46</sup> Queiroz, 1990, p. 13.

<sup>47</sup> Moraes, 2020, p. 824.

<sup>48</sup> Queiroz, 1990, p. 13.

<sup>49</sup> Queiroz, 1990, p. 3.

<sup>50</sup> Queiroz, 1990, p. 4.

<sup>51</sup> Queiroz, 1990, p. 7.

<sup>52</sup> Queiroz, 1990, p. 13.

<sup>53</sup> Conforme a página da História do Município de Jari, RS. Disponível em: <https://www.jari.rs.gov.br/o-municipio/historico>. Acesso em: 16 abr. 2025.



Pequena canoa, pequena embarcação para uso de uma só pessoa".<sup>54</sup> No *Dicionário de Topônimos brasileiros de origem Tupi*, de Luiz Caldas Tibiriçá, "jari" designa "rio afluente do Amazonas; do nheengatu *iari*, pequena piroga, pequena embarcação para uso de uma só pessoa".<sup>55</sup>

Segundo a tradição bíblica, Joel, um dos doze profetas, é filho de Petuel, conforme se vê em Joel 1:1. Ele profetiza ao povo de Israel, possivelmente, após o exílio babilônico e a reconstrução do Segundo Templo. Seus vaticínios aludem à manutenção das tradições e à emenda dos comportamentos, segundo os preceituários morais hebraicos: "Escutai com atenção, ó vós, anciãos, e ouvi, ó todos os moradores desta terra! Porventura ocorreu isto em vossos dias ou nos de vossos pais? Narrai a vossos filhos, e que eles o contem a seus filhos, para que estes, por sua vez, o transmitam à geração seguinte [...]"<sup>56</sup>. Joel, ao contrário do que o homônimo autor do livro de Joel pregava, recusa a tradição ancestral, que evoca perenidade, e adota a tradição da nova terra, calcada na mobilidade. Nesse percurso, arrasta o pai, Fatuel, ou, segundo algumas versões do texto bíblico, Petuel. Petuel, conforme o *Dicionário de palavras, expressões, interpretação e curiosidades bíblicas*, de Elias Soares de Moraes, quer dizer "Deus abre" ou "visão de Deus".<sup>57</sup> Fatuel tem, como se pode observar, claras perspectivas sobre as intenções e amarguras do filho. Ele acede à sua vontade, mesmo a contragosto, por ter o entendimento "aberto". Quando da altercação entre a esposa Miriam e o filho, ele comprehende as razões de ambos. Ele "entendia com a inteligência".<sup>58</sup> Não se tratava de Joel repudiar o nome, mas de evitar o sofrimento que o nome judaico poderia causar. Fatuel sabia o que era padecer por conta de sua identidade judaica.

Tanto no livro bíblico, como no romance, Joel era filho de Fatuel/Petuel. Para agradar ao filho, Fatuel adota o nome de Faustino Leite. Ele escolhe esse nome por entender, conforme leu em um dicionário, que ele "Significa feliz, de bom agouro. Imbuído dessa ideia inventava um exercício de autopersuasão [...] quem iria chamá-lo de *Seu Leite*? Todos na cidade [...] o denominavam, à socapa, 'o judeu Levi'".<sup>59</sup> Regina Obata, em *O livro dos nomes*, atribui ao nome "Fausto", de origem latina, do qual Faustino derivaria, o significado de "faustoso, feliz, venturoso, auspicioso".<sup>60</sup> O nome Joel (Yo'el, em hebraico) quer dizer "'Jeová é Deus' ou 'Deus é Deus'".<sup>61</sup>

<sup>54</sup> Furtado, 1969, p. 113.

<sup>55</sup> Tibiriçá, 1985, p. 75.

<sup>56</sup> Joel 1: 2-3.

<sup>57</sup> Moraes, 2020, p. 897.

<sup>58</sup> Queiroz, 1990, p. 13.

<sup>59</sup> Queiroz, 1990, p. 11.

<sup>60</sup> Obata, 2002, p. 84.

<sup>61</sup> Obata, 2002, p. 118.



Maria José de Queiroz em *Os males da ausência, ou a Literatura do exílio*, concebe a figura mítica de Io como representativa da figura do exilado: “Na sua corrida sem pouso, perseguida pela deusa dos reinos e rainha dos deuses, Io encarna a angústia e a ansiedade do exílio”.<sup>62</sup>

À luz do mito de Io, é possível encontrar, no romance, pontos convergentes: a simpatia da figura masculina e a antipatia da figura feminina em relação a Io podem ser percebidas na história de Jari Leite, protegido pelo pai e combatido pela mãe em razão da querela dos nomes. Além disso, a constante condição de mobilidade que arrasta Jari desde a saída de São Godô e o tempo de estudo na Europa, as cidades e os países que conheceu, evocam a trágica situação da exilada Io, fugitiva dos desejos destrutivos de Zeus e Hera. Do que fugia Io? Cobiçada por Zeus, Io é transformada por ele em uma bela vaca, na tentativa de burlar a cena de adultério. Hera, desconfiada, pede ao marido infiel a posse do bonito animalzinho. Em fuga, após Hermes matar o guardião de Io, Argos de Cem-olhos, ela é aferroada, a mando de Hera, por moscardos crueis que aumentam o seu sofrimento: sem pátria, sem identidade e sem descanso. De acordo com Junito de Souza Brandão:

Iwv (Iō), *Io*, não possui etimologia. Ésquilo, no *Prometeu acorrentado*, 840, procurou uma aproximação “etimológica” entre \*Iwv (Ió) e \*Iovios (Iónios), *Jônio*, porque Io, sob a forma de vaca, atravessara a nado o Mar Jônio, mas uma coisa nada tem a ver com a outra. É a velha etimologia “pelo som”.<sup>63</sup>

Io, tendo assumido por obra de Zeus a forma de uma vaca, por conta das aferroadas do moscardo, que a enlouquecia, “reiniciou sua caminhada errante pela Hélade inteira”.<sup>64</sup> Teria sido a sua errância no Mar Jônio que conduziu o entendimento de que a etimologia de Io viria do topônimo Jônio. De igual modo, Jari é um topônimo que indica mobilidade. Salgueiro afirma que, segundo o pensamento de Roland Barthes em “Proust e os nomes”, publicado em *Novos ensaios críticos / O grau zero da escritura* (1974):

Entender os nomes é entender o mundo; radical, na contracorrente das “precisões da ciência linguística”, convida o “crítico a ler a literatura dentro da perspectiva mítica [...] e a decifrar a palavra literária não como é explicitada pelo dicionário mas como a constrói o escritor”.<sup>65</sup>

<sup>62</sup> Queiroz, 1998, p. 39.

<sup>63</sup> Brandão, 2014, p. 862.

<sup>64</sup> Brandão, 2014, p. 863.

<sup>65</sup> Salgueiro, 2013, p. 35.



O mundo de Jari está ligado à angústia dos nomes: dos abandonados e dos acolhidos. Como Io, segundo a perspectiva mítica de que fala Barthes, Jari, em sua trajetória, foge constantemente do “moscardo” que o faz relembrar-se da identidade que abandonou: a acusação de ser judeu e de ser “machão subdesenvolvido”,<sup>66</sup> incriminação que lhe gritou uma jovem em uma festa. Jari era frágil. Na Alemanha, durante o período em que fez a pós-graduação, travou contato com músicos e professores de música. O gosto pelo violino retornou. O instrumento judeu passou a governar suas vontades, quase fazendo com que esquecesse da tese. O orientador preocupa-se com a saúde mental do *virtuose* Jari Leite. Inicialmente proíbe-o de tocar violino, mas, depois, aconselha-o a tocar como terapia. Para Schneider, o orientador, Jari era um “brasileirinho frágil”.<sup>67</sup> Para o professor de música, Berthold, ele mostrava-se um “menino mimado” e ressentido.<sup>68</sup>

Convidado a estudar na França, Jari, que já havia percorrido a história do pai, tendo como companhia o caderno de viagens de Fatuel e alguns parentes que descobriu em Munique, parte para Paris e lá encontra uma prima de seu pai, Bárbara Calderón. Na cidade luz, recebe novo ferrão. A prima diz não ter passado pela “ignomínia”<sup>69</sup> de mudança de nome, como ocorrido durante os tempos da guerra. Com um discurso que se assemelhava ao de sua mãe Míriam, Jari ouve a prima Bárbara discordar da alteração do nome: “[...] que significa ser Jari Leite? Três vezes nada. Nenhuma história vocês têm! Enquanto que, como Joel, Joel Levi, você traz, no lombo, séculos de história”.<sup>70</sup> Na Alemanha, o destino irônico bate-lhe a porta. O professor de música sugere que mude o nome. Um nome judeu estaria mais de acordo com um *virtuose* do violino. Jari rejeita o “carisma hebraico” do nome.<sup>71</sup>

Como Io, Jari não encontra pouso certo. O romance desvela a geografia de suas migrações. De volta ao Brasil, fica dois dias em São Godô, causando tristeza no pai e dissensão com a mãe, e parte para o Rio de Janeiro com um amigo. A mãe reclama da viagem. Acusa o nome adotado como causador da ingratidão do filho. Passado um tempo trabalhando na Universidade, e após dissabores com alunos e com a administração, Jari manifesta o desejo de sair do Brasil novamente. Parte para Alemanha, para mais um tempo de intercâmbio. O pai leva o filho ao aeroporto e o vê partir novamente com o violino embaixo do braço.

<sup>66</sup> Queiroz, 1990, p. 176.

<sup>67</sup> Queiroz, 1990, p. 197.

<sup>68</sup> Queiroz, 1990, p. 197.

<sup>69</sup> Queiroz, 1990, p. 217.

<sup>70</sup> Queiroz, 1990, p. 217.

<sup>71</sup> Queiroz, 1990, p. 247.

Jari é regido pela imagem que representa etimologicamente o nome que assumiu. Emílio, ao ver o amigo embarcando em mais uma viagem, evoca a imagem do rio como sendo aquele que governa Jari. A felicidade do amigo estaria no rio de São Godô, representação simbólica das mobilidades migratórias transculturais que agenciam a identidade de Jari Leite. Conforme o *Dicionário de símbolos*, “seja a descer as montanhas ou a percorrer sinuosas trajetórias através dos vales, escoando-se nos lagos ou nos mares, o rio simboliza sempre a existência humana e o curso da vida, com a sucessão de desejos, sentimentos e intenções, e, a variedade de seus desvios”.<sup>72</sup> O curso da vida de Jari seria semelhante ao do rio. A simbologia presente no nome de escolha assemelha-se à identidade e ao comportamento adotado por Jari: espaço – ainda que simbólico – e topônimo têm uma relação de semelhança, considerando as categorias relacionais entre topônimos e espaço de Borges Filho.<sup>73</sup> No entanto, essa relação também se mostra contrastante em alguns aspectos. A terra que deu origem ao nome de Jari é aquela na qual ele não consegue habitar. Ele, como o exilado, carrega a geografia física apenas no nome.

## Referências

- AMARAL, Eduardo Tadeu Roque Amaral; SEIDE, Márcia Sipavicius. *Nomes próprios de pessoa: introdução à antropônímia brasileira*. São Paulo: Blucher, 2020.
- BERND, Zilá (org.). *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos*. Porto Alegre: Literalis, 2010.
- BERND, Zilá (org.). *Dicionário de figuras e mitos literários das Américas*. Porto Alegre: Tomo Editorial/Editora da Universidade, 2007.
- BIBLIA HEBRAICA. Baseada no Hebraico e à luz do Talmud e das Fontes Judaicas. Tradução: David Gorodovits e Jairo Fridlin. São Paulo: Sêfer, 2006.
- BORGES FILHO, Ozíris. *Espaço e literatura: introdução à topoanálise*. Franca: Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.
- BRANDÃO, Junto de Souza. *Dicionário mítico-etimológico*. Petrópolis: Vozes, 2014.
- CAMÕES, Luís de. *Poesia lírica*. Lisboa: Biblioteca Ulisseia de autores portugueses, 2002.
- CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. Tradução: Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2016.

<sup>72</sup> Chevalier; Gheerbrant, 2015, p. 781.

<sup>73</sup> Borges Filho, 2007, p. 162.



CAPAVERDE, Tatiana da Silva. Estrangeiro. In: BERND, Zilá (org.). *Dicionário de figuras e mitos literários das Américas*. Porto Alegre: Tomo Editorial/Editora da Universidade, 2007. p. 249-255.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRTANT, Alain (org.). *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Tradução: Carlos Sussekind et al. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura européia e Idade Média latina*. Tradução: Teodoro Cabral e Paulo Rónai. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1996.

*Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha], 2008-2025. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/>. Acesso em: 15 ago. 2025.

ECKERT, Kleber; RÖHRIG, Maiquel. Onomástica Literária em Graciliano Ramos: os nomes dos personagens de Vidas Secas e de São Bernardo / Literary Onomastics in Graciliano Ramos: the Names of Characters of Vidas Secas and São Bernardo. *Revista de Estudos da Linguagem*, [S. l.], v. 26, n. 3, p. 1277-1294, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/relin/article/view/27785>. Acesso em: 24 abr. 2025.

FURTADO, Nelson França. *Vocabulário indígenas na geografia do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Champagnat, 1969.

GONZÁLEZ, Elena Palmero. Deslocamento. In: BERND, Zilá (org.). *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos*. Porto Alegre: Literalis, 2010. p. 109-125.

HENRIQUES, Renato Venâncio. Exilado. In: BERND, Zilá (org.). *Dicionário de figuras e mitos literários das Américas*. Porto Alegre: Tomo Editorial/Editora da Universidade, 2007. p. 263-269.

MACHADO, Ana Maria. *Recado do nome: leitura de Guimarães Rosa à luz do nome de seus personagens*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

MENEZES, Filipe Amaral Rocha de. Sobre os rios que vão: cantando em Babilônia as canções de Sião. CONGRESSO INTERNACIONAL, XVI, 2018, Minas Gerais. *Anais*. Uberlândia: Associação Brasileira de Literatura Comparada, 2018. Tema: Circulação, tramas e sentidos na Literatura, p. 4270-4278. Disponível em: [https://abralic.org.br/anais/arquivos/2018\\_1547746703.pdf](https://abralic.org.br/anais/arquivos/2018_1547746703.pdf). Acesso em: 23 abr. 2025.

MORAES, Elias Soares de. *Dicionário de palavras, expressões, interpretação e curiosidades bíblicas*. São Paulo: Beit Shalom, 2020.

NASCIMENTO, Lyslei. *Exercício de fiaudeira: Joaquina, filha do Tiradentes, de Maria José de Queiroz*. 1995. 136 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1995.

OBATA, Regina. *O livro dos nomes*. São Paulo: Círculo do Livro, 1986.

PLATÃO. *Crátilo. Teeteto – Crátilo.* Tradução: Carlos Alberto Nunes. Belém: Editora da Universidade Federal do Pará, 2001.

QUEIROZ, Maria José de. *Os males da ausência ou A literatura do exílio.* Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.

QUEIROZ, Maria José de. *Sobre os rios que vão.* Rio de Janeiro: Atheneu-Cultura, 1990.

RELPH, E. C. As bases fenomenológicas da Geografia. *Geografia*, Rio Claro, v. 4, n. 7, p. 1-25, 1979.

SALGUEIRO, Wilberth Claython Ferreira. *Prosa sobre prosa:* Machado de Assis, Guimarães Rosa, Reinaldo Santos Neves e outras ficções. Vitória: EDUFES, 2013.

SEIDE, Marcia Sipavicius. Métodos de pesquisa em Antroponomástica. *Domínios de Língua@gem*, Uberlândia, v. 10, n. 3, p. 1146-1171, 2016. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/32482>. Acesso em: 24 abr. 2025.

TIBIRIÇÁ, Luiz Caldas. *Dicionário de topônimos brasileiros de origem tupi:* significação dos nomes geográficos de origem tupi. São Paulo: Traço, 1985.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia:* um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução: Lívia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1980.

-----

Enviado em: 09/10/2025

Aprovado em: 30/10/2025